3
+1

O único espectáculo é o da espera
Tiago Baptista
14.01.22 – 05.03.22
Inauguração 14h – 20h, 14.01.22

*A problemática (simultaneamente irresolúvel e atraente) da Pintura*

Num breve exercício de recuo histórico, poderemos recordar que, nunca antes como com a invenção da fotografia ocorrida no século XIX, a relação com as práticas visuais e, genericamente, com a cultura visual foi alvo de tão severas transformações, nomeadamente no que diz respeito às imagens de carácter pictórico.
O desígnio da morte da pintura foi, como sabemos, divulgado e anunciado em diferentes fases ao longo de todo o século XX e as estratégias para a sua manutenção e sobrevivência assumiram os mais diversos contornos. Uma série de movimentos artísticos dedicaram a sua atenção à pintura, e podemos reter, numa primeira fase, aqueles que defenderam a sua reinvenção, afastando-se do paradigma da proficiência e do rigor técnico para ancorarem a sua prática numa investigação sobre a identidade da própria disciplina, através de uma análise crítica em torno das suas especificidades formais, materiais e conceptuais. A fixação no território de características que tornavam a pintura única em relação às outras tipologias artísticas e o interesse numa prática auto-reflexiva que questionava e comandava o próprio fazer pictórico, dominou, poderemos dizer, todo o período moderno.
Com o advento do pós-modernismo, testemunhamos uma ruptura com os anteriores modelos, e os artistas, particularmente os pintores, advogam um interesse manifesto pela forma como a pintura poderá constituir-se como um veículo – contrariando as posições anteriores – para uma relação particularizada, idiossincrática com o mundo exterior, com o real.
No seu ensaio "Modernist Painting" Clement Greenberg parece apontar já para uma contradição decorrente da condição dúplice que a pintura congrega e que é, por maioria de razão, evidente na sua condição objectual: o facto de assumir uma existência simultaneamente representacional e apresentacional, ora vejamos:

"Flatness, two-dimensionality, was the only condition painting shared with no other art, and so the Modernist painting oriented itself to flatness as it did to nothing else.
(...)
The Modernists have neither avoided nor resolved this contradiction: rather they have reserved its terms. One is made aware of the flatness of their pictures before, instead of after, being made aware of what the flatness contains. Whereas one tends to see what is in an Old Master painting before seeing it as a picture, one sees a Modernist painting as a picture first. This is, of course, the best way of seeing any kind of picture, Old Master or Modernist, but Modernism imposes it as the only and necessary way, and Modernism's success in doing so is a success of self-criticism."
(...)
The flatness towards which Modernist painting orients itself can never be an utter flatness. The heightened sensitivity of the picture plane may no longer permit sculptural illusion, or *trompe-l'oeil*, but it does and must permit optical illusion. The first mark made on a surface destroys its virtual flatness (...)"[1]

O autor – trazendo-nos à memória uma das mais significativas querelas que atravessou o século XX, opondo antigos e modernos, centrada na dicotomia figuração/ abstracção – parece apontar, de facto, para a incontornável questão da presença. Uma pintura é sempre uma representação (mesmo quando o seu conteúdo se afasta do território do reconhecível) e é, simultaneamente, sempre uma presença, um objecto no mundo que assume um conjunto de características físicas.
Numa relação dialéctica, permanentemente tensa, com esta dupla condição da pintura, Tiago Baptista tem vindo a desenvolver um interessante processo de auscultação em torno das imagens e das suas implicações no mundo, em torno dos mecanismos inerentes à concepção e à percepção das imagens e em torno da pintura enquanto prática assistida, duracional, eminentemente presente e que obriga à presença.
Recentemente temos vindo a assistir a uma clara expansão do seu repertório de motivos, de soluções formais e composicionais e de meios expressivos, fruto do que nos parece ser uma cada vez mais convicta crença na autonomia da obra de arte e de um investimento numa prática estilística propositadamente dispersa, numa certa iconoclastia da pintura que lhe permite negar-se,

[1] Clement Greenberg, "Modernist Painting" (1960), in Charles Harrison e Paul Wood (orgs.), *Art in Therory 1900-1990. An Anthology of Changing Ideas*, Cambridge, 1992, pp.754-760

simultaneamente, enquanto imagem e numa incontornável procura de liberdade individual e criativa. Livremente associativa e profundamente desconcertante, a sua pintura explora relações entre símbolo, significado, legibilidade e invisibilidade – entre o nominável e o inominável – questionando os mecanismos inerentes à construção de sentido no espectador e testando permanentemente as determinações de espaço e tempo inerentes a esses processos. Não trabalha sobre a condição verbal (nominável) da imagem mas justamente sobre os seus limites, testando as fronteiras da linguagem enquanto aproximação ao meio visual e explorando o quadro de especificidades onde a pintura opera (seguindo a sua lógica interna) e procurando representações que, pela sua natural heterogeneidade, escaparão sempre à total compreensão funcionando quase como armadilhas.

Trabalhando a partir de imagens pré-existentes – que podem contemplar as mais diversas origens (desde a história da arte à BD, da publicidade à fotografia, da cultura punk, pop e DIY às suas próprias experiências visuais) – o artista constrói uma espécie de modelos mentais que resultam das relações visuais que se vão estabelecendo na sua imaginação entre estes vários referentes. Uma ideia ganha lentamente forma até poder tornar-se uma imagem, que possa vir a dar lugar a uma pintura. São convocadas, para este processo, várias questões que decorrem intrinsecamente do fazer pictórico e que, mescladas e de ocorrência simultânea, aproximam o espectador desse cruzamento entre ilusionismo e realismo, figuração e abstracção, modernismo e pós-modernismo, representação e apresentação.

Voltemos um pouco atrás e ao quanto a questão do tempo é significativa no trabalho de Tiago Baptista. Não somente ela é assinalada, através da presença de elementos simbólicos – as velas que marcam quantitativamente a passagem do tempo e a duração dos instantes dentro do decorrer do fluxo temporal, ou certos animais (caracóis, lesmas, tartarugas) que para além de assumirem uma actuação lenta no mundo (deslocando-se lentamente) conservam (no caso das tartarugas) uma idade, experiência e condição evolutiva que ultrapassa a vida humana – como está directamente presente nos processos de leitura das suas pinturas por parte do espectador. Esta é sempre uma leitura cumulativa que resulta da soma dos detalhes percepcionados em cada pintura e também da soma da percepção das várias pinturas numa exposição. Ao contrário de outros processos perceptivos (como por exemplo a audição) a percepção visual assenta numa ideia de sucessividade e não numa ideia de simultaneidade. Percepcionamos visualmente um acontecimento após o outro. Mas este tempo, a duração deste processo perceptivo é marcado, ele próprio, por dois tipos de experiências temporais: um tempo distendido que decorre durante a leitura de cada pintura e dos sucessivos momentos de reconhecimento, ilusão e reconhecimento dessa ilusão; e um tempo concentrado na forma como a sua execução (o longo processo de edição, de preparação, de decisão e selecção a que foi sujeita) está nela contido embora mantendo-se oculto para o espectador.

Tempos diferentes co-existem, portanto, dentro do mesmo sistema representacional. E esse é um dado que nos permite aproximar agora da observação do espaço.

Uma das questões que entendemos mais intrigante na prática pictórica de Tiago Baptista decorre da forma como são convocadas, para o plano da pintura, várias dimensões espaciais e, simultaneamente, vários sistemas de representação espacial.

Espaços interiores e espaços exteriores, reconhecíveis e irreconhecíveis, de escalas distintas, apresentam-se simultaneamente para cá e para lá, em suspensão, parecendo coexistir no rigoroso cumprimento das regras de concordância definidas para cada uma das pinturas em particular.

Através da sobreposição de camadas é criada uma outra ideia de espaço que se situa para lá da bidimensionalidade do plano pictórico – uma espécie de espaço suspenso, intersticial, que parece esconder-se entre este e as várias camadas de figuração, e cuja existência é afirmativamente marcada pela presença de planos de cores, de padrões, de texturas que resultam de um determinado tratamento da matéria (tinta) ou da representação de certos elementos que o indiciam (como as sombras projectadas ou a modulação de sombras próprias). Segundo Deleuze (parafraseando Francis Bacon) "(...) no domínio das Figuras, a sombra tinha tanta presença como o corpo; mas a sombra só adquire essa presença porque se escapa do corpo, ela é o corpo que escapou por este ou aquele ponto localizado no contorno."[2]. Providencial! Este espaço intersticial, liminal, parece-nos poder ser o espaço para onde escapa este corpo (também suspenso) de que fala Deleuze. E, é exactamente através da representação da sombra que se cria uma tridimensionalização do espaço pictórico no interior do qual é percepcionada/ intuída uma discreta profundidade, onde parecem poder ocorrer momentos de suspensão de espaço e tempo.

Cada pintura é uma pintura. E cada uma resolve, com a sua autonomia interna, os seus detalhes técnicos e composicionais por forma a que resulte justa e que possa, em última instância, funcionar. Para além de qualquer culpa ou lamento (como entende Luc Tuymans).

[2] Gilles Deleuze, "Francis Bacon. Lógica da Sensação", Orfeu Negro, Lisboa, 2011, p.53

3
+1

Tiago Baptista escolheu, para título da exposição, a inspiradora expressão "o único espectáculo é o da espera"[3] (citando mais uma vez Deleuze, nas suas reflexões acerca de Bacon). Cremos que esta escolha reside na proposta de que a entendamos como metáfora para o papel do espectador (que percepcionará, lerá e produzirá sentido a partir da exposição) mas também como metáfora do próprio processo de pensamento e concepção da pintura que é operado e tem lugar no artista (antes, durante e depois).
De que estamos a falar quando analisamos estas pinturas, e mais amplamente, esta exposição? De pintura. Justamente de pintura. Tão somente de pintura. Da sua irresolúvel e atraente problemática. E do quanto ela pode preencher segundos, minutos, horas, dias, meses, anos, décadas, a vida inteira.

Ana Anacleto, Dezembro 2021

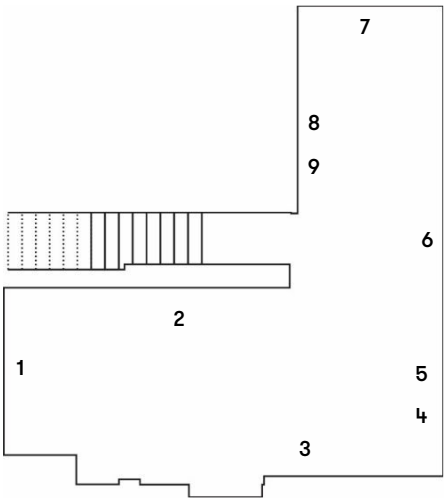
**Tiago Baptista** (Leira, 1986) vive e trabalha em Lisboa. Estudou Artes Plásticas na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha. A sua pintura é, "num primeiro deslumbre (...) como uma sequência de paisagens que nos confronta com imagens que detêm uma forte componente cinematográfica, no sentido em que cada pintura é como um momento de uma narrativa que se encontra num espectro de outras narrativas" (João Silvério, 2017). Tiago Baptista é artista residente na Associação Zé dos Bois em Lisboa desde 2010. Participou também noutros programas residenciais: no Atelier-Museu António Duarte, Caldas da Rainha (2008-2009) e Culturia, Berlim (2013). Foi selecionado para o Prémio EDP Novos Artistas (2013) e galardoado com o Prémio Aquisição Amadeo de Souza-Cardoso (2015) e o Prémio Fidelidade Mundial Jovens Pintores (2009). Expõe regularmente desde 2007, e entre as suas exposições individuais destacam-se: *Febre*, curadoria de Natxo Checa, Galeria Zé dos Bois, Lisboa (2021); *Desenho Sumido*, curadoria de Alexandre Baptista, *Espaço Santos + ESTGA*, Águeda (2020); *Véu sujo, um outro*, Projectroom, Galeria de Arte - Banco de Portugal, Leiria (2019); *Atrás do pensamento*, 3+1 Arte Contemporânea, Lisboa (2018); *A luz em si*, A Montra, Lisboa (2014); e *Dysfunctional*, Atelier-Museu António Duarte, Caldas da Rainha (2009). Entre as suas exposições colectivas destacam-se: Entre as Palavras e os Siêncios, Obras da Colecção Norlinda e José Lima, curadoria de Luísa Soares Oliveira, Centro Cultural de Cascais, Cascais (2021);*COSMO/POLÍTICA #5*, curadoria de Paula Loura Batista & Sandra Vieira Jürgens, Museu do Neorealismo, V.F. de Xira (2020); *RED LIGHT: Sexualidade e Representação na coleção Norlinda e José Lima*, curadoria de Sandra Vieira Jürgens, Centro de Arte Oliva, S.João da Madeira (2020); *Trabalho Capital*, da coleção Norlinda e José Lima, Centro de Arte Oliva, S.João da Madeira (2019); *Wait*, Museu Coleção Berardo, Lisboa (2019); *Do Tirar Pelo Natural. Inquérito ao retrato português*, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa (2018); *Variations Portugaises*, CAC Meymac (2018); *Quote / Unquote. Entre Apropriação e Diálogo*, Galeria Municipal do Porto (2017); *Questionamentos*, Palácio Vila Flor, Guimarães e Sala de Arte Joven, Madrid (2015); *Atlas Secreto*, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra (2015); *Prémio EDP Novos Artistas*, Fundação EDP, Casa da Música, Porto (2013) e *Anteciparte '08*, Museu da Cidade, Lisboa (2008). O seu trabalho está representado nas seguintes coleções: Coleção de Arte do Estado; Câmara Municipal de Lisboa; Coleção de Arte Fundação EDP; Coleção PLMJ; Coleção Norlinda e José Lima; Coleção António Cachola, Museu de Arte Contemporânea de Elvas, Portugal; Coleccion AR2A, La Coruna; Coleccion Navacerrada, Madrid, Espanha; entre outras coleções privadas nacionais e internacionais.

[3] ídem, p.51

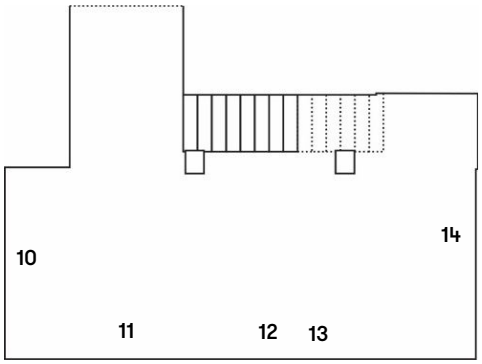
# 3
# +1

O único espectáculo é o da espera
Tiago Baptista
14.01.22 – 05.03.22
Inauguração 14h – 20h, 14.01.22

GALERIA 1




GALERIA 2




1. *Lesma errática*, 2021, Óleo sobre tela, 29,5 x 23,5 cm

2. *Entendes?*, 2022, Óleo e acrílico sobre tela, 175 x 250 cm

3. *Ermita*, 2020, Óleo sobre tela, 65 x 50 cm

4. *Sem título*, 2021, Óleo e tinta spray sobre papel 42,5 x 30 cm

5. *Sem título*, 2021, Óleo e tinta spray sobre papel 42 x 29,5 cm

6. *Demora*, 2022, Pintura Mural

7. *Cento e tal anos*, 2021, Óleo sobre tela, 158 x 173 cm

8. *Estrelinhas II*, 2021, Óleo e tinta spray sobre papel 42 x 31 cm

9. *Tule*, 2021, Óleo sobre tela, 35 x 25 cm

10. *Frozen*, 2021, Óleo sobre tela, 30 x 40 cm

11. *Sem título*, 2019-2021, Óleo sobre tela, 140 x 140 cm

12. *Cracked paintings*, 2021, Óleo sobre tela, 40 x 30 cm

13. *Régua de Musaranhos*, 2022, Pintural Mural

14. *A promessa do tempo*, 2021, Óleo, cera, pavio e fogo sobre tela, Dimensões variáveis

galeria@3m1arte.com
www.3m1arte.com

Largo Hintze Ribeiro 2E-F, 1250 – 122 Lisbon
Portugal +351 210 170 765